



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 10/09/2021 a 16/09/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
10/09/2021	12,75	342,00	55,74	6,75	5,02
13/09/2021	12,72	344,70	55,80	6,74	4,96
14/09/2021	12,76	341,20	56,68	6,85	5,03
15/09/2021	12,94	335,90	58,31	7,12	5,33
16/09/2021	12,96	340,20	56,83	7,13	5,29
Média	12,83	340,80	56,67	6,92	5,13

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	158,00	
RS – Não Me Toque	158,00	
RS – Londrina	160,00	
PR – Cascavel	159,00	
MT – C.N.Parecis	162,00	
MS – Maracaju	161,00	
GO - Rio Verde	157,00	
BA – L.E.Magalhães	163,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	90,00	CIF
Porto de Paranaguá	80,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	86,00	
SC – Rio do Sul	88,00	
PR – Cascavel	85,00	
PR – Londrina	85,00	
MT – C.N.Parecis	75,00	
MS – Maracaju	83,00	
SP – Itapetininga	93,00	
SP – Campinas	98,00	CIF
GO – Rio Verde	79,00	
GO – Jataí	79,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	80,00	
RS – Não Me Toque	81,00	
PR – Londrina	88,00	
PR – Cascavel	91,00	

Período: 15/09/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 16/09/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	86,93	157,89	81,29

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
16/09/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	74,98
Feijão (saco 60 Kg)	258,42
Sorgo (saco 60 Kg)	65,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,01
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,25**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,43

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Agosto/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago se elevaram durante esta semana. Sendo agora novembro o primeiro mês cotado, o fechamento desta quinta-feira (16) ficou em US\$ 12,96/bushel, contra US\$ 12,58 uma semana antes.

Mesmo com o relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 10/09, confirmar um aumento na produção e nos estoques finais dos EUA, para a safra 2021/22, os preços subiram um pouco. Isso porque, além de já estar precificado o aumento nos volumes, os mesmos apenas repuseram o que já se havia projetado dois meses antes. Portanto, não houve grandes novidades.

Desta forma, as principais informações do relatório foram as seguintes, para a safra 2021/22:

- 1) Produção de soja nos EUA esperada em 119 milhões de toneladas;
- 2) Estoques finais estadunidenses em 5,04 milhões de toneladas, contra 4,21 milhões no relatório de agosto;
- 3) Preço médio no ano, para os produtores de soja dos EUA, reduzido agora para US\$ 12,90/bushel, contra US\$ 13,70 em agosto;
- 4) Produção mundial de soja projetada em 384,4 milhões de toneladas, superando em quase um milhão de toneladas o indicado em agosto;
- 5) Estoques finais mundiais projetados em 98,9 milhões de toneladas, com aumento de 2,8 milhões sobre agosto;
- 6) Produção projetada para o Brasil em 144 milhões de toneladas, enquanto para a Argentina a mesma ficou em 52 milhões;
- 7) Importações chinesas de soja mantidas em 101 milhões de toneladas.

Em paralelo a isso, o USDA confirmou que até o dia 12/09 as lavouras de soja dos EUA, no estágio de boas a excelentes, somavam 57% do total, se mantendo estáveis em relação a semana anterior. Outras 29% estavam regulares e 14% entre ruins a muito ruins. Em torno de 38% das lavouras estavam derrubando as folhas naquela data, superando a média histórica que é de 29%.

Quanto às exportações de soja por parte dos EUA, na semana encerrada em 09/09, as mesmas atingiram a 105.368 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. O ano comercial 2021/22, que se iniciou em 1º de setembro, soma um total exportado de apenas 135.722 toneladas, contra mais de dois milhões de toneladas no mesmo período do ano anterior.

Pelo lado da demanda, o governo estadunidense anunciou que a China voltou a cancelar embarques de soja dos EUA nesta última semana. Muito disso se deve aos problemas logísticos enfrentados pelos portos daquele país, resultado da passagem do furacão Ida.

Em contrapartida, a China teria comprado 10 navios de soja do Brasil para embarque em outubro. Assim, os EUA estariam perdendo parte de seu espaço tradicional de exportação neste ano, fato que pode pressionar para baixo, mais adiante, as cotações em Chicago. Os chineses igualmente estão comprando soja na Argentina e no Uruguai.

Esta situação mantém as margens de esmagamento ruins na China, pois a soja sul-americana, neste momento, é mais cara do que a dos EUA, e, ao mesmo tempo, permite especular que as exportações totais de soja estadunidense, para 2021/22, venham a ser menores do que as 56,9 milhões de toneladas inicialmente projetadas. Vale destacar que as vendas de farelo de soja na China, devido a crise suínica local, pela qual os produtores estão perdendo dinheiro com o suíno, voltam a recuar, ficando ao redor de 2,5 milhões de toneladas na projeção para setembro. (cf. Agroinvest)

Por sua vez, segundo a Associação Nacional de Processadores de Oleaginosas dos EUA, o esmagamento local de soja em agosto somou 4,32 milhões de toneladas, superando a expectativa do mercado e também o volume de 4,22 milhões ocorrido em julho. Mesmo assim, em relação a agosto de 2020, o volume processado de soja ficou 3,8% menor.

E aqui no Brasil, puxados principalmente pela nova desvalorização do Real que, em alguns momentos, superou a R\$ 5,30 por dólar (na manhã do dia 16/09 o Real estava cotado em R\$ 5,27/dólar), os preços da soja voltaram a subir. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 157,89/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 157,00 e R\$ 163,00/saco.

Com a maior demanda nos portos brasileiros, diante do comportamento chinês, os prêmios se mantiveram elevados (Paranaguá, por exemplo, praticava US\$ 2,15/bushel no dia 15/09), auxiliando igualmente na alta dos preços internos.

A tendência dos prêmios, na medida em que os EUA recuperarem seu sistema logístico nos portos, é de recuo mais para o final do ano. Irá pesar igualmente a entrada recorde da nova safra de soja sul-americana, a partir de fevereiro, e o início da colheita estadunidense no final de setembro, o que irá diminuir o custo da soja naquele país. Assim, não haveria espaço para os prêmios brasileiros continuarem subindo.

Todavia, é preciso considerar também que o consumo de óleo de soja para biodiesel aqui no Brasil tende a diminuir já que, novamente, o governo federal reduziu o percentual de mistura ao diesel normal. O cálculo é que cerca de 800.000 toneladas de óleo deixarão de ser transformadas em biodiesel em 2021. Com isso, o esmagamento total de soja, no Brasil, tende a ser menor, elevando os estoques finais do grão para 2022. Assim, a produção de farelo de soja também será menor, interrompendo uma sequência de crescimento industrial que vinha desde 2013. (cf. Agrinvest)

Neste contexto, para o ano 2022 será preciso muita atenção em relação ao comportamento da demanda, especialmente da China, pois ela balizará o futuro dos prêmios no Brasil. Não esquecendo que se espera, por aqui, uma safra recorde ao redor de 144 milhões de toneladas. Por enquanto, as projeções de preços aos produtores gaúchos, para abril/maio, considerando safra cheia e câmbio ao redor de R\$ 5,20, é de valores de balcão ao redor de R\$ 130,00 a R\$ 135,00/saco.

Dito isso, a comercialização da safra brasileira de 2020/21 chegou a 87% do total até o dia 03/09, ficando abaixo da média histórica que é de 88,3% para o período. Para a nova safra, que começa a ser semeada, 23,2% estão já vendidos antecipadamente, ficando abaixo dos 25% da média histórica e muito abaixo dos 46,7% negociados nesta época, relativos à safra passada. Em volume, considerando uma produção final de 144

milhões de toneladas na nova safra, o que já está vendido corresponde a apenas 33,49 milhões de toneladas, contra 63,96 milhões na safra passada nesta época. (cf. Datagro)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, após testarem um recuo abaixo dos US\$ 5,00/bushel desde a semana passada, acabaram subindo no final da corrente semana, fechando a quinta-feira (16) em US\$ 5,29/bushel, contra US\$ 4,96 uma semana antes.

Assim como no caso da soja, o mercado já havia precificado o aumento na produção e nos estoques finais do cereal, fato que o USDA acabou confirmando em seu relatório de oferta e demanda do dia 10/09. Este relatório trouxe o seguinte, para o ano 2021/22:

- 1) Produção de milho nos EUA em 380,9 milhões de toneladas, com aumento de 6,3 milhões sobre o relatório de agosto;
- 2) Estoques finais estadunidenses em 35,8 milhões de toneladas, com aumento de 4,3 milhões sobre o mês anterior;
- 3) Preços médios aos produtores estadunidenses de milho, neste novo ano comercial, de US\$ 5,45/bushel, contra US\$ 5,75 projetados em agosto;
- 4) Produção mundial de milho em 1,197 bilhão de toneladas, com aumento superior a 11 milhões de toneladas sobre agosto;
- 5) Estoques finais mundiais em 297,6 milhões de toneladas, ou seja, 13 milhões acima do que havia sido projetado em agosto;
- 6) Produção brasileira de milho em 118 milhões e da Argentina em 53 milhões de toneladas (neste caso, a Argentina produziria, neste ano, mais milho do que soja);
- 7) Importações chinesas de milho mantidas em 26 milhões de toneladas.

Por sua vez, as condições das lavouras de milho nos EUA, no dia 12/09, apresentavam 58% entre boas a excelentes, 27% regulares e 15% entre ruins a muito ruins. Houve pequena piora no quadro das mesmas em relação a semana anterior. Por outro lado, 4% das lavouras já haviam sido colhidas naquela data, contra a média histórica de 5%. Tanto para o milho quanto para a soja o forte da colheita se dará em outubro.

Já os embarques estadunidenses de milho somaram 138.189 toneladas, ficando abaixo do esperado pelo mercado. No acumulado do atual ano comercial, iniciado em 1º de setembro, os EUA exportaram apenas 177.642 toneladas, contra mais de 1,2 milhão de toneladas em igual período do ano anterior.

Enquanto isso, no Brasil, os preços cederam. A pressão da colheita da safrinha, mesmo fortemente quebrada, continua segurando os preços do milho local. Com isso, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 86,93/saco, enquanto nas demais praças nacionais os valores giraram entre R\$ 75,00 e R\$ 93,00/saco, com o CIF Campinas (SP) fechando em R\$ 98,00/saco.

Na B3 o fechamento da quarta-feira (15/09) apresentou os seguintes valores: contrato setembro a R\$ 93,70; novembro a R\$ 94,25; janeiro a R\$ 95,32; e março a R\$ 95,14/saco.

Os compradores estão bastante ausentes do mercado, tentando forçar novas baixas nos preços no curto prazo. O movimento tem pouca intensidade porque a oferta está muito reduzida no horizonte de médio prazo. Esta situação forçará uma elevação de preços no final do ano, esperando que a futura safra de verão venha normal. Caso contrário, haverá disparada de preços e forte problema de abastecimento interno do cereal.

Neste contexto, o plantio da nova safra de verão, até o dia 10/09, chegava a 16,7% da área esperada, que é de 4,4 milhões de hectares, contra 18,1% no ano passado e 12% na média histórica para esta data. Este plantio atingia a 45,5% no Rio Grande do Sul, 16,7% em Santa Catarina e 6,25% no Paraná. Nos demais Estados produtores o mesmo não havia iniciado. (cf. Safras & Mercado)

Por outro lado, a comercialização da safrinha de 2021 no país chegava a 70,1% até o dia 10/09, sobre uma produção esperada de 55,7 milhões de toneladas. No mesmo período do ano passado a comercialização da safrinha chegava a 62,6% do total produzido. Em termos estaduais, o Paraná atingia a 64,6% comercializado; São Paulo 52,6%; Mato Grosso do Sul 72,1%; Goiás/DF 59,2%; Minas Gerais 44,3% e Mato Grosso 76,5%. Já as vendas da última safra de verão somavam 86,3% do total no Centro-Sul brasileiro, contra 86% na média histórica. (cf. Safras & Mercado)

Particularmente no Mato Grosso, a comercialização da nova safra 2021/22 chega a 30,9% do total esperado, sendo que os preços estão na média de R\$ 56,68/saco. (cf. Imea) No Paraná, a colheita da safrinha chegava 96% da área, sendo que apenas 5% das lavouras foram consideradas em bom estado. Enquanto isso, o plantio da nova safra de verão chegava a 28% da área esperada no dia 13/09. (cf. Deral) Em Goiás, os preços locais continuam a recuar, mesmo após o encerramento da colheita da safrinha. A média ficou em R\$ 80,60/saco. (cf. Ifag) Enfim, no Mato Grosso do Sul a colheita da safrinha chegava a 95,6% da área total, ficando um pouco abaixo da média histórica. A quebra total esperada no Estado é de 2,72 milhões de toneladas de milho safrinha, o que coloca a produção final da mesma em 6,29 milhões de toneladas. (cf. Famasul)

Diante das perdas importantes na safra de verão do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, assim como na safrinha junto aos principais produtores estaduais, a projeção atual é de que o total produzido de milho no Brasil, em 2020/21, fique em 85,9 milhões de toneladas. (Cf. Safras & Mercado)

Enfim, em termos de exportação, nos sete primeiros dias úteis de setembro o Brasil vendeu ao exterior 1,26 milhão de toneladas de milho. Por enquanto, este volume é apenas 19,8% do total exportado em todo o mês de setembro de 2020. Assim, a média diária exportada é 40,7% menor do que a registrada em setembro do ano passado. Já o preço da tonelada exportada chegou a US\$ 195,00, com um aumento de cerca de 20% sobre o valor médio do ano passado na mesma época. (cf. Secex)

Assim, nos primeiros oito meses do ano o Brasil já exportou 9,98 milhões de toneladas, ou seja, 25,9% abaixo do exportado no mesmo período do ano passado. Como a exportação estaria pagando em torno de R\$ 82,00/saco, muito volume de milho acaba sendo direcionado para o mercado interno, que vem pagando melhor. (Cf. Brandalitze Consulting)

Quanto às importações, no mesmo período de setembro o país comprou 188.571 toneladas do cereal. No acumulado de setembro de 2021 o Brasil já importou 28% acima de todo o mês de setembro do ano passado, com a média diária sendo 284% superior à registrada no mesmo mês do ano passado. Nos oito primeiros meses do corrente ano lembramos que o Brasil já importou 1,23 milhão de toneladas de milho, ou seja, 112% acima do registrado no mesmo período do ano passado. (cf. Secex)

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês cotado, igualmente subiu, fechando a quinta-feira (16) em US\$ 7,13/bushel, contra US\$ 6,81 na semana anterior. O relatório de oferta e demanda do USDA, no dia 10/09, trouxe muito poucas novidades para o cereal.

O mesmo indicou o seguinte, para o ano comercial de 2021/22:

- 1) A produção dos EUA ficou mantida em apenas 46,2 milhões de toneladas;
- 2) Os estoques finais de trigo nos EUA foram reduzidos para 16,7 milhões de toneladas;
- 3) O preço médio aos produtores de trigo dos EUA, no ano comercial em questão, ficou em US\$ 6,60/bushel, recuando 10 centavos em relação ao mês de agosto;
- 4) A produção mundial de trigo ficou projetada em 780,3 milhões de toneladas, com ganho de pouco mais de três milhões de toneladas;
- 5) Os estoques finais mundiais ficaram estabelecidos em 283,2 milhões de toneladas, ganhando cerca de quatro milhões de toneladas;
- 6) A produção da Argentina foi reduzida para 20 milhões de toneladas, enquanto a do Brasil ficou mantida em 7,7 milhões de toneladas;
- 7) As importações brasileiras de trigo estão projetadas em 6,5 milhões de toneladas;
- 8) As importações chinesas de trigo foram mantidas em 10 milhões de toneladas.

Dito isso, o plantio do trigo de inverno nos EUA, até o dia 12/09, atingia a 12% da área esperada, contra a média histórica de 8% para esta data. Ao mesmo tempo, a colheita do trigo de primavera estava concluída.

Já os embarques de trigo estadunidense, na semana encerrada em 2 de setembro, chegaram a 388.400 toneladas para o ano 2021/22, ficando 54% acima da média das quatro semanas anteriores.

Por outro lado, na Rússia a tendência é de uma área menor a ser semeada com trigo de inverno neste início de novo ano comercial. Este trigo representa cerca de 70% da safra tritícola do país, lembrando que os russos são os maiores exportadores do cereal para África, Oriente Médio e outras regiões. Devido a falta de chuvas, até meados de setembro os russos haviam semeado 7,8 milhões de hectares em grãos de inverno, contra 8,2 milhões no ano passado. Para o trigo de inverno especificamente a área total pode recuar entre 500.000 a um milhão de hectares. (cf. Sovecon)

Aqui no Brasil os preços do cereal, neste início de colheita no Paraná, estabilizaram, com certo viés de baixa. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 81,29/saco, enquanto no Paraná o produto oscilou entre R\$ 88,00 e R\$ 91,00/saco.

Enquanto a nova safra sofreu perdas no Paraná e no Rio Grande do Sul (neste último caso incluindo agora fortes chuvas de granizo nestes primeiros dias de setembro em muitas regiões produtoras), em Santa Catarina a lavoura de trigo se mostra muito boa, esperando-se uma produtividade média com ganhos de 13,7% sobre o ano anterior. Somado a uma área semeada maior (93.400 hectares), a produção final no Estado catarinense poderá aumentar em 73,7% sobre o registrado em 2020. Com isso, a mesma poderá chegar a 315.700 toneladas.

Já no Rio Grande do Sul, há preocupação com a qualidade do trigo em algumas regiões, fato que pressiona os preços locais para baixo. Hoje, compradores locais indicam valores em R\$ 1.450,00/tonelada FOB, sendo que a maioria está fora do mercado esperando melhor definição da safra, a qual somente começará a ser colhida no final de outubro.

Por sua vez, no Paraná a quebra de safra vai se confirmando, com as primeiras colheitas no oeste do Estado, região mais atingida pelas geadas, registrando produtividades entre 12 a 37,5 sacos/hectare apenas. Em termos gerais 56% das lavouras paranaenses estão em boas condições. Esta situação mantém os preços, no oeste, acima de R\$ 90,00/saco ao produtor. Mas na medida em que a colheita avança, espera-se um recuo nos preços do cereal.

Por outro lado, em encontro promovido pela Abitrigo, na semana passada, representantes do setor indicaram que a expectativa é de uma produção final ao redor de 3,5 milhões de toneladas somando Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Neste sentido, a safra gaúcha poderia chegar a 3,18 milhões de toneladas. No Paraná, mesmo com as perdas já computadas, o volume final pode alcançar 3,3 milhões de toneladas. Considerando que nos demais Estados produtores, de menor representatividade, houve quebras importantes devido ao clima, a produção total brasileira deverá ficar ao redor de 7 milhões de toneladas, frustrando as expectativas mais otimistas e contrariando os dados do USDA. Além disso, deve-se considerar a questão da qualidade do grão, mais baixa em algumas regiões.

Este trigo poderá novamente ser utilizado na ração animal, já que a oferta de milho está muito reduzida. No Brasil, cerca de 6% da produção de trigo é destinada à ração animal, enquanto a média mundial é de 20%.

Dito isso, nesta semana o Brasil importou mais 7.000 toneladas de farinha de trigo da Argentina, via o porto de Macuripe, em Fortaleza (Ceará). É a primeira importação deste tipo em 12 anos. Lembrando que a farinha argentina teve um reajuste de 6% em seu preço, ficando entre US\$ 330,00 a US\$ 350,00/tonelada.

Em termos de importação do grão de trigo, em agosto o Brasil comprou 594.140 toneladas, sendo que 90,5% deste total veio da Argentina. O volume ficou estável em relação ao comprado em agosto de 2020, porém, o valor foi 22,8% superior ao praticado no ano passado. A tonelada do cereal importado, neste mês, passou de US\$ 224,46 em 2020, para US\$ 276,32 agora em agosto de 2021. De janeiro a agosto do

corrente ano os moinhos brasileiros já importaram 4,43 milhões de toneladas de trigo, ou seja, 3,4% menos do que igual período do ano passado. Entretanto, o valor pago neste ano foi 18,4% superior ao pago na soma dos oito primeiros meses do ano passado. Do total importado em volume, no período, 85,5% veio da Argentina. (cf. Broadcast)